

(1. Migrações)

Experiência e Desafios do Migrante Pendular

Theo Goulart Tavares de Lima Araujo¹

Malcol Fernandes Vilerá²

Gustavo Costa da Fonseca³

Jeani Delgado Paschoal Moura⁴

INTRODUÇÃO

A migração é um movimento que acompanha a espécie humana desde os primórdios de seu desenvolvimento. Muito provavelmente, foi por causa desse impulso, juntamente com a curiosidade de descobrir novos espaços, que a humanidade se tornou caçadora-coletores, à medida que os recursos se esgotavam ou quando o ambiente se tornava, de certa forma, hostil. Partindo desse pressuposto, compreender o ato de migrar e ser migrante, é entender algo intrínseco e vital aos seres humanos, intensificado a partir do mundo globalizado, que resulta das ferramentas que compõem o capitalismo técnico-informacional (Santos, 2000). Todavia, como o ser migrante e o ato de migrar se tornaram processos cada vez mais existencialistas e de sobrevivência no mundo capitalista globalizado, em comparação com o passado? Os motivos para migrar continuam o mesmo do passado?

No Brasil, esses movimentos muitas vezes deixam marcas no território. A diáspora africana no período colonial, que forçou e submeteu os africanos à escravidão, e a rápida industrialização na década de 1950, que deu início ao êxodo rural, são casos emblemáticos de migrantes e de processos migratórios. A última situação, em especial, tornou os trabalhadores e estudantes dependentes dos centros urbanos, não apenas como locais de emprego e estudo, mas também como espaços de acesso a serviços e oportunidades, gerando movimentos pendulares entre os espaços das cidades.

¹ Graduando em Geografia, Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – theo.goulart.tavares@uel.br

² Graduando em Geografia, Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – malcol.fernandes@uel.br

³ Graduando em Geografia, Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – gustavo.costa.dafonseca@uel.br

⁴ Docente no Departamento de Geografia e Tutora do PET Geografia, Universidade Estadual de Londrina –jeanimoura@uel.br

Migrações Pendulares

Os debates sobre deslocamentos pendulares têm base em discussões envolvendo regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, que abordam a organização do espaço, políticas públicas, entre outras necessidades. Juntamente com o processo de metropolização no Brasil a partir dos anos 1980, ocorreu, ao longo do tempo, uma intensificação das migrações entre as cidades que pertencem a essas regiões, em busca de inúmeras demandas, sejam elas comerciais, de estudo ou de trabalho, as chamadas migrações pendulares.

Para Jardim (2011, p.58), os deslocamentos pendulares são “[...] dimensões dos processos de deslocamento da população no território, num contexto determinado e socialmente constituído, no tempo e no espaço”. Fica evidente como os processos de deslocamentos são lineares e impactam a sociedade e o meio em uma escala temporal e espacial. Além disso, os movimentos pendulares podem ser classificados a partir de seu aspecto temporal, como diários, e de seu aspecto espacial, como internos.

Tensionando isso, analisaremos a migração pendular de estudantes e trabalhadores na região metropolitana de Londrina (RML). Primeiramente, é necessário definir o que seria uma região metropolitana. Uma região metropolitana é uma área idealizada estrategicamente, que pode desempenhar várias funções, representando interesses políticos, sociais e econômicos. Para Santos (1994, p. 84):

[...] têm como pontos em comum, dois elementos essenciais: a) são formados por mais de um município, com o município núcleo— que lhes dá o nome—representando uma área bem maior que as demais; b) são objeto de programas especiais, levados adiante por organismos regionais especialmente criados, com a utilização de normas e recursos em boa parte federais. São, na verdade, regiões de planejamento (SANTOS, 1993, p. 84).

No caso da região metropolitana analisada - a Região Metropolitana de Londrina - ela desempenha um papel muito importante na organização institucional e no planejamento entre as cidades da região. Desde o início, as cidades que a compõem apresentam uma forte conectividade e um alto grau de relação com a cidade central, Londrina. Todavia, é importante considerar que esse vínculo é mais

forte nas cidades mais próximas, enquanto as mais distantes tendem a ter um distanciamento físico maior, com menor troca e integração com a cidade central.

Diante os aspectos estruturais e políticos que envolvem a migração pendular, é preciso analisar o indivíduo, que, a partir desse processo de experiência e vivência, se torna um migrante. O migrante exerce uma função de força motriz, materializando e vivenciando as inúmeras situações desse fluxo diário, repetido dia após dia, em que cada sentimento e emoção podem se expressar, desde o sorriso de um estudante até o olhar cabisbaixo de um trabalhador retornando para sua casa. As exposições, os riscos e os desafios encontrados na migração pendular destacam a vulnerabilidade e a necessidade de sobrevivência.

Logo, refletir sobre esses estudantes e trabalhadores, portanto, não é uma tarefa nada fácil. É necessário reconhecer que o ato de pegar o ônibus faz parte de uma experiência sensorial, envolvendo a audição, a visão, o olfato e o tato. Segundo Tuan, “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (2015, p. 18). A partir disso, vivenciar o ônibus implica na experiência de sentir o ônibus, transformando-o em um espaço de percepções e dualidades. Dualidades em que sentido? No sentido de experimentar um misto de emoções, em que o movimento de ida para a universidade ou ao trabalho pode representar a esperança de um futuro melhor, mas também se esbarrar com a indignação de um dia cansativo, o medo do trajeto, ou a insegurança de sair de sua casa.

Já na visão marxista, a migração pendular, ao focar na motivação pelo trabalho, é contemplada por um fenômeno conhecido como venda da força de trabalho, o que obriga o proletariado a vender seu tempo em troca de uma retribuição financeira (Marx, 2001). Essa relação entre migração pendular e força de trabalho exemplifica o enraizamento de um sistema capitalista estruturado na sociedade (Salim, 1990). Os efeitos dessas relações sistemáticas frequentemente incluem a falta da quantidade e qualidade de trabalho e a própria qualidade de vida do trabalhador. Em muitos casos, o trabalhador passa boa parte de seu tempo no deslocamento entre o lar e o trabalho, criando um acréscimo à sua jornada de trabalho. Além disso, questões como a baixa qualidade e quantidade dos empregos são fundamentais para o debate da luta de classes e o planejamento das cidades. A óptica das classes sociais se aplica também aos estudos, pois a necessidade de se deslocar rotineiramente de uma cidade para outra, apenas para estudar resulta da má estruturação das cidades ou de um desequilíbrio econômico entre localidades.

Já esboçado acima, a luta de classes é o processo pelo qual se busca equilíbrio diante das desigualdades, seja nos meios de produção ou nos estudos. Porém, uma questão relevante para esse debate é como o migrante pendular experimenta o trajeto entre a saída de seu lar e a chegada em seu trabalho. Cada elemento, desde o físico ou natural, que compõe a paisagem vista da janela do ônibus, gera um misto de sensações que o indivíduo vivencia nesse trilhar. O ato de experienciar e vivenciar o caminho faz parte do processo de chegar e sair para o migrante, e esse movimento altera sua percepção do trajeto, desde o meio de locomoção e as ruas por onde o transporte passa, até o cenário que compõe esse percurso. Chaveiro (2014, p. 275), diz que

[...] o sujeito existe e o mundo mostra a sua identidade. Viver é, nessa condição, sentir o mundo, pensá-lo e exercê-lo com o corpo exposto ao movimento, isto é, ao tempo, como tempo, temporalizando ruas e bairros, esquinas, bares, instituições etc.. (CHAVEIRO, 2014, p. 275)

Araújo e Moura (2016, p. 343) partem do conceito de lugar para refletir sobre a dimensão ontológica do ser migrante, sua relação com os lugares, suas percepções e inquietações, na medida em que ele caminha de um espaço a outro. “Vive-se em um lugar, mas almejam-se outros e este almejar incorpora novos espaços e novas histórias que compõem o que chamamos de “espaços de vida””. Nesse sentido, os movimentos diários, como o deslocamento para o trabalho ou para a escola ou universidade, o espaço urbano e as experiências associadas a esses deslocamentos são constantemente modificados e redefinidos. Assim, as autoras afirmam: “Sejam nos movimentos diários ou nas mobilidades que se tornam permanentes, os espaços de vida vão sendo desenhados cotidianamente”.

Tanto a migração pendular para trabalho quanto para estudo, analisada sob um viés fenomenológico ou marxista, implica no pensar, discutir e experienciar o espaço concebido, contemplando como o migrante entende o movimento que o cerca. Perceber o que motiva e define o deslocamento pode ser chamado de *práxis*, ao identificar que a origem do problema não está nele mesmo, mas sim no sistema que o rodeia. O sentimento - que em alguns casos é negativo - derivado desse processo é uma consequência desse mesmo sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a migração pendular nos leva a refletir sobre as estruturas materiais e imateriais de uma sociedade globalizada e capitalista, na qual, trabalhadores ou estudantes são reféns de políticas e ações que dificultam a melhoria de vida e a criação de sentimentos essenciais que poderiam aliviar o sofrimento, como a segurança existencial (Marandola Jr., 2008). Compreender o processo migratório pendular é, portanto, entender que a existência de um indivíduo migrante se desenrola em um espaço repleto de contradições e antagonismos, onde a sua única escolha muitas vezes é sobreviver e resistir aos desafios e desgastes impostos pela vida.

Referências

ARAÚJO, D. B. De; MOURA, J. D. P. Identidade e Lugaridades: A Ontologia Do Ser Migrante. XI Seminário de Pesquisa Em Ciências Humanas – Sepech Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina, 27 a 29 de julho de 2016.

CHAVEIRO, E. F. . Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: Marandola Jr., E.; Werther, H.; Oliveira, I. (org.), **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia . São Paulo, SP: Perspectiva, 2014, p. 249-279.

JARDIM, A. P. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R.. (org). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. p. 58-70.

MARANDOLA Jr., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008.

MARX, K.; ENGELS F. **Manifesto do Partido Comunista**. Marin Claret: São Paulo, 2001.

SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. Associação Brasileira de Estudos Populacionais– ABEP (Organização). **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Vo. 3. Sessão temática 17. Belo Horizonte, MG, 1990. p 119-144.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná